

FORDLÂNDIA: O CAPITALISMO E COLONIALISMO AMERICANO DIANTE DA AMAZÔNIA BRASILEIRA

Iara da Silva Castro Almeida¹ (Ufac)

RESUMO

Este artigo busca compreender como se deu a construção da cidade idealizada por Henry Ford construída em plena Amazônia na década de 20, período em que o norte do Brasil era tão pouco povoado e de difícil acesso. A cidade de Fordlândia foi construída entre 1927 e 1928, pela Ford Motor Company, no estado do Pará. Começava ali a construção de uma cidade americana dentro da Amazônia, tudo sendo trazido dos Estados Unidos para a floresta, os norte americanos não trouxeram a bordo dos navios somente os equipamentos necessários para a construção da cidade, mas também uma nova forma de vida a ser implantada, com novos hábitos e costumes, imposta pelos americanos. O método utilizado na pesquisa é baseado na investigação bibliográfica, análise de documentários e depoimentos de moradores e ex-moradores da cidade de Fordlândia. Sendo feito, portanto, a análise de várias questões que ocorreram durante o período em que a cidade permaneceu em plena atividade, problematizando as condições de vida dos trabalhadores da fábrica a partir de um olhar crítico acerca das reais intenções da companhia, a filosofia do fordismo, com a adequação das normas de higiene e saúde, alimentação e vestuário que agradavam a Ford. Não deixando de discutir como se deu o processo de decadência da companhia e o estado de abandono que ficou a cidade e toda a população que permaneceu ali, ambos em situação de esquecimento até os dias atuais.

Palavras-chave: Henry Ford e colonialidade. Fordlândia. Abandono. Capitalismo. Exploração. Amazônia.

INTRODUÇÃO

A Amazônia está localizada na região norte do Brasil, era em 1900 um lugar de difícil acesso (isso é generalização), era uma parte do Brasil ainda pouco conhecida dos brasileiros. Somente a partir de 1907 até 1915, o Marechal Rondon andava nos brejais da região norte do Brasil para instalar as linhas telegráficas, adentrando a bacia amazônica, “tentando construir uma nação supostamente moderna”. (DIACON, 2006, p. 21).

Isso demonstra a dificuldade e a demora que a região norte apresentou para se integrar ao Brasil, ou porque não pensar o inverso? Quanta demora em o Brasil se integrar a região norte?

O Marechal Rondon “pensando em levar o acesso” para as

¹ *Graduada em História Licenciatura pela Universidade Federal do Acre (UFAC). Aperfeiçoamento em História e Cultura dos povos indígenas pela UFOP. Concluindo Pós-graduação em Planejamento, Gestão e implementação em EaD pela UFF. Mestranda no curso de letras: Linguagem e Identidade. Professora substituta no curso de História da Universidade Federal do Acre UFAC desde fevereiro de 2016.

regiões mais distantes, tendo por objetivo construir o estado e a nação, mas para que esse objetivo fosse de fato alcançado era primeiro necessário vencer o isolamento.

Nas palavras de Rondon, a expansão da autoridade do estado central por meio da construção do telégrafo era necessária para o progresso da nação brasileira, porque “onde quer que chegue o telégrafo [...] ali far-se-ão sentir os benefícios influxos da civilização. Com o estabelecimento da ordem [...] virá fatalmente o desenvolvimento do homem e das indústrias”, pois o comércio ligaria continuamente as sociedades do litoral e do interior. (DIACON, 2006, p. 26)

Conforme Rondon descreve acima, assim mesmo ocorreu e não demorou muito tempo para chamar a atenção de capitalistas para a região. Em 1927, após doze anos que Rondon concluiu seu trabalho de implantação das linhas telegráficas na Amazônia, Henry Ford resolve investir na produção do látex na Amazônia para fugir do controle dos ingleses e holandeses que naquele momento mantinham em suas mãos o preço da borracha. Nesse sentido para não se manter refém, “para gerenciar o empreendimento Ford cria a Companhia Ford Industrial do Brasil – CFIB (1927) com o objetivo de, entre outros, proceder à plantação de seringueiras e exercer a indústria extrativa de látex”. (RAZENTE, 2012, p. 658)

A cidade Fordlândia foi construída às margens do Rio Tapajós, um afluente do Amazonas, de um tamanho aproximado de um estado americano de porte médio. Cidade americana dentro da selva Amazônica, que Ford tinha um objetivo claro quanto a sua permanência na região.

Este artigo tem o objetivo de entender as particularidades de uma proposta audaciosa que aparentemente tinha tudo para dar certo, no entanto, não teve sucesso, portanto quero nesse estudo entender o porquê isso ocorreu. Será que foi levada em consideração a geografia da Amazônia? Afinal, o lugar que os americanos estavam chegando era bem diferente do lugar onde Ford habitava. Procurar discutir questões relevantes quanto ao dia a dia na fábrica, como se dava as regras estabelecidas pela empresa aos empregados, como também problematizar a questão da revolta “quebra-panela” que foi um movimento de resistência dos trabalhadores da fábrica. Observar também como se deu essa construção de regras na fábrica para os trabalhadores da floresta como a questão da alimentação, de transporte, de saúde, horário, festejos e entre outras coisas, analisando assim o olhar de Ford com sua nova forma de vida imposta

aos trabalhadores, e por outro lado o olhar do trabalhador vivenciando na prática essas novas normas, que dão um novo modelo de cultura.

Resolvi escrever este artigo para discutir as questões mais relevantes da construção da cidade de Fordlândia, por perceber que é um assunto que ainda é pouco discutido e/ou conhecido, inclusive na minha própria turma de mestrado havia diversos alunos que nunca tinham ouvido falar desta cidade, antes das aulas de *Linguagem, Sociedade e diversidade Amazônica*, a Fordlândia que hoje está desativada, abandonada, esquecida e entregue à solidão, tendo a maior parte de sua população abandonado o lugar e os demais que resolveram ficar ficaram na mesma condição da cidade.

OS PERIGOS DA AMAZÔNIA NÃO IMPEDEM A VINDA DOS EXPLORADORES

Em 9 de janeiro de 1928 Henry Ford estava realizando uma exposição industrial da Ford num evento que acontecia em Nova York para apresentar o seu novo modelo de carro, Modelo A, criado em 1927. Isso se deu por conta que o Modelo T estava em queda, cessando sua produção em maio de 1927. O novo modelo A foi bem aceito pela população, “mais de dez milhões de americanos visitaram as concessionárias”, este novo modelo trazia design inovadores em suas “carrocerias e cores”. (GRANDIN, 2010, p. 15)

Como Carl Sandburg disse “que sente-se, conversando com Ford, que ele é mais um homem de poder do que mesmo de riquezas materiais”. (GRANDIN, 2010, p. 89) Ford vivia neste momento uma ascensão em seus negócios, com um crescimento extraordinário, nesta perspectiva Ford se mostrava bem otimista. Isso porque controlava há muito tempo os preços e os salários, se mantendo em uma posição bem confortável. Na ocasião do evento de exposição os vários repórteres perguntavam-lhe sobre diversos assuntos, mas todos banais. Porém, segundo o que relata Grandin, Ford estava querendo falar sobre outras coisas, mas sem entrar muito em detalhes, Ford comenta que viria a Amazônia, mas não vinha de navio, mas de avião, para inspecionar uma plantação de seringueira.

A exultação era tão grande dos repórteres com a exposição do novo carro que esse breve comentário feito por Ford não trouxe no momento nenhuma reflexão sobre o que falara Ford, os repórteres nem sequer notaram que a companhia havia adquirido uma enorme concessão de terras na Amazônia brasileira.

Segundo o historiador de Fordlândia Cristovam Sena numa fala produzida no documentário Fordlândia (2008)² “o empresário brasileiro Jorge Dumon Pilares pediu concessão de terras junto ao governo do Pará, o governador da época era Dionísio Ausier Bentes. Pilares adquiriu uma concessão de um milhão de hectares com o prazo de ser utilizado durante dois anos com o plantio de seringa”. Ford tinha, portanto, adquirido uma concessão fabulosa, para ser utilizado com o plantio de seringueira, nesta concessão que o governo paraense deu a Ford. Ele tinha o direito de fazer o que quisesse, por exemplo, comunicação, explorar solo, subsolo, tudo o que lhe fosse conveniente, mas o grande alvo de Ford era a plantação de seringueiras.

Nascia em meio a Amazônia, à margem do Rio Tapajós, a cidade de Fordlândia. A companhia tinha em seu plano inicial a construção de uma cidade nos moldes americanos e com “ampla campanha sanitária contra os perigos da selva. (GRANDIN, 2010, p. 17). Neste momento, Ford estava em fase de crescimento quer seja a véspera de um novo modelo de carro quer seja numa nova visão de lucro a partir da borracha na Amazônia sob o seu controle. logo a Amazônia seria uma oportunidade única de Ford ser e manter o monopólio permanente da borracha amazônica.

Ford representava o vigor, o dinamismo e a energia que definiam o capitalismo no início do século XX; a Amazônia incorporava a imobilidade primitiva, um mundo antigo que até então havia se mostrado incontestável. “Se a máquina, o trator, puder abrir uma brecha na vasta parede verde da selva amazônica, se Ford plantar milhões de seringueiras onde nada havia senão a solidão da selva”, escreveu um jornal alemão, “então a história romântica da borracha terá um novo capítulo. Uma nova e titânica luta entre a natureza e o homem moderno está começando.” (GRANDIN, 2010:18)

Embora a Ford Motor Company estivesse cada dia correspondendo mais a um crescimento extraordinário e Ford estivesse à medida de um capitalismo cada vez mais acentuado, a sua visão de maneira nenhuma era limitada. Antes, “investiu dois milhões e meio de reis para comprar uma gigantesca área na margem direita do Rio Tapajós”³. Não se importando com o difícil acesso, as problemáticas da área, a falta de estrutura no meio da mata, as doenças, os mosquitos, entre outras questões difíceis que permeiam a floresta e os habitantes dela.

² Documentário Fordlândia (2008) sob a direção de Marinho de Andrade e Daniel Augusto, produção executiva de Fernando Dias, Filipe Fratino e Mauricio Dias. Entrevistado é o Historiador de Fordlândia Cristovam Sena.

³ Descreve em seu depoimento o jornalista Lúcio Flávio no documentário Fordlândia (2008).

Seria então uma tamanha audácia idealizar uma cidade bem estruturada numa região que não tivesse a mínima estrutura na época. Mas construir uma indústria na selva representava não se manter preso ao monopólio dos ingleses. Portanto, todo sacrifício valeria a pena para romper esses desafios propostos pela região amazônica.

A Amazônia disponibilizaria aos seus novos habitantes desafios constantes, inesperados, ou até mesmo inóspitos, assim como nos lembra Euclides da Cunha, a Amazônia é um espaço geográfico onde “o homem, ali, é ainda um intruso impertinente. Chegou sem ser esperado nem querido – quando a natureza ainda estava arrumando o seu mais vasto e luxuoso salão”. [...] “a Amazônia é talvez a terra mais nova do mundo”. [...] “tem tudo e falta-lhe tudo”. (CUNHA, 1999, p. 2 e 3)

Euclides da Cunha nos ajuda a pensar que Ford não se diferencia muito dos primeiros conquistadores nas primeiras expedições no século XVI. Parece bem claro que ambos têm uma visão das terras sempre com caráter utilitarista, sempre intenção de aproveitamento das terras, e não somente terras, mas tudo aquilo que ela puder lhe oferecer de bom e rentável. Além dessas dificuldades aqui apresentadas, é possível entender que o principal objetivo dos primeiros colonizadores do século XVI e XVII não se difere muito dos objetivos dos grandes capitalistas do século XIX e XX, ambos tiveram a intenção de explorar a região e subtrair o máximo possível, porém essa exploração não se dá somente do ponto de vista da terra, mas se estendendo à mão-de-obra escrava e sem esquecer, é claro, a questão da catequese como imposição.

No século XVI e XVII os barcos da conquista ibérica tendo a bordo seus ocupantes esperavam encontrar, nos vales percorridos, a recompensa material por tão grande esforço. Igualmente, tinham como objetivo transformar os indígenas que ali habitavam, em vassalos cristãos, em simples escravos, que deveriam servir aos novos senhores. (UGARTE, 2009, p. 169)

De outro lado, temos a começar pela extração do látex que foi um sistema que produziu enormes riquezas enquanto o Brasil tinha o monopólio do comércio de borracha, ditando os preços do mercado mundial. Tanto no primeiro ciclo da borracha quanto no segundo ciclo “os lucros eram gerados elaborado esquema piramidal: no ápice estavam os estabelecimentos comerciais e financeiros estrangeiros; no meio estavam comerciantes e alguns exportadores brasileiros e tudo isso sobre as costas de seringueiros endividados” (GRANDIN,

2010, p. 43). Quem promovia a atividade de exploração do látex era o seringueiro, parte principal da engrenagem de todo esse processo de exploração, peça indispensável, que ficava na ponta com a responsabilidade de sustentar todo esse sistema de produção, que ganhava menos, além de permanecer preso às dívidas que nunca acabavam.

Em meio a essas dívidas cada vez mais crescentes existia o processo de resistência ainda que mínimo, como é demonstrado no depoimento de Francisco Maurício, que mesmo sendo enganado e não tendo condições reais de reagir naquele contexto, ainda assim ele sabia que estava sendo enganado.

Os patrão usurpa é só na mercadoria que eles vende. Eles vende uma coisa, da gente comprá dois, três e eles vende só num. Aí lá vai o produto da gente todim, só num objeto. Aí não tem condições, a gente só falta morrê de trabalhá que é prá podê pagá aquele objeto [...] no Muruzinho (Seringal do Alto Muru), lá um litro de óleo prá temperá comida, tempero, tava no valor de vinte e um quilo de borracha, isso a borracha de quarenta cruzeiro. [...] Ai eu sai de lá por causa disso. No ano que eu sai, eu entreguei setecentos quilo de borracha, mermo feito pela minha faca; entreguei quinhento do meeiro que tinha; vendi tudo quanto era meu, no valor de quinhento quilo, entreguei tudo, ainda fiquei devendo quatrocento quilo de borracha. Só tirei mermo só a dormida mermo, só nossa roupinha e pouca. Ainda fiquei devendo quatrocento quilo. (ALBUQUERQUE, 2005:67)

Esse depoimento é um trecho do livro *Os trabalhadores do Muru*, um rio que está localizado no Juruá estado do Acre, onde discute sobre o cotidiano e as formas de lutas dos seringueiros e ribeirinhos daquela região no período de (1970 – 1990). O depoimento de Francisco Maurício apesar de ser numa temporalidade diferente da criação de Fordlândia, numa outra região e contexto, nos impulsiona a questionar tão grande trapaça onde enganava e iludia os trabalhadores do Muru. Com Henry Ford não foi muito diferente, apesar de ele ser um cidadão americano bem sucedido ele “também promoveu a soja como um alimento maravilhoso” com o intuito de “desenvolver novos alimentos a partir da soja”, além disso, era um nato inovador e conquistador do mercado de carros americanos. (GRANDIN, 2010, p. 71)

Mesmo diante de todos esses adjetivos, isso não nos impede de observar as mazelas que se deram quando esteve aqui na região norte do Brasil. Não se pode citar e evidenciar apenas as “qualidades” deve-se, portanto, analisar criticamente como se deu a devastadora exploração no Pará, às margens do Rio Tapajós na Amazônia, na construção da cidade de Fordlândia. Pode até

ter uma diferença do trabalhador da Fordlândia com o trabalhador do Muru⁴, tendo o primeiro um salário, médicos, e condições melhores de vida, enquanto o segundo não detinha nem o direito do seu próprio salário, no entanto não se diferenciam tanto assim quando se trata de imposição de normas, sem ter outra possibilidade sequer uma condição de escolher seu próprio alimento.

A construção de Fordlândia iniciou nos moldes de uma cidade americana. A região amazônica começou a princípio sofrendo grande transformação, 10% do um milhão de hectares que comprara foram derrubados. Segundo o morador de Fordlândia, o senhor Eimar Franco descreve a seguir.

Eles botaram fogo, num sei quantos hectares de terras, de uma vez só, era um fogaréu tão grande que durante há algum tempo o sol ficou vermelho. Quando começaram a chegar os equipamentos que os americanos trouxeram dos Estados Unidos em dois grandes transatlânticos, desembarcaram aquilo tudo, usina de luz e tratores e cerrarias e aí que começou o movimento de Fordlândia. (FORDLÂNDIA, 2008)⁵

A partir da fala do senhor Eimar Franco, se apresenta uma devastação nas terras paraenses logo que chegam aqui os americanos. Isso se dá por conta do objetivo principal que a Ford Motor Company tinha ao adquirir as terras na região amazônica. Essa devastação será somente o início de um processo de grande exploração a partir dos resultados que se seguem. Era o início da construção de uma cidade localizada em meio à floresta amazônica à margem do Tapajós, seria quase impossível criar a Fordlândia sem devastar, sem queimar, sem derrubar. (você não dialoga com a problemática das memórias, toma como verdade a memória narrada)

Com a chegada dos americanos ocorreu um incêndio em Fordlândia que representou o início de uma verdadeira ruína, tão grande que “talvez tenha sido o maior incêndio até hoje provocado pelo homem naquela parte da Amazônia, com folhas em chamas flutuando para a outra margem do rio enquanto as cinzas enchiam o céu, transformando as nuvens da estação chuvosa numa névoa cor de sangue. (GRANDIN, 2010, p. 24, 25)

A cidade vai criando um ar de cidade à custa de muita poluição na região, gerando conseqüências ao lugar. Mas toda essa poluição e devastação era considerada um erro diante do que se teria de volta com a construção da cidade. Desta forma nos explica a Dona América, uma moradora de Fordlândia.

⁴ Rio Muru é um rio localizado no estado do Acre, banhado na cidade de Tarauacá.

⁵ Documentário Fordlândia (2008) na fala do morador Eimar Franco ex-morador de Fordlândia, explica como se deu as derrubadas e queimadas na região com a chegada dos americanos.

Eles faziam, trabalhavam aí na cremanda, tinha uma cremalheira que pegava cinco mil litros de leite de seringa, pra cremar e fazer peças que você olhava, a coisa mais linda, de 40 metros, de 20 de 30, ia tudo embora, e os retalhos ficava aqui e o pessoal fazia até solado de sapato fofinho mesmo pra andar. (FORDLÂNDIA, 2008)⁶

Observando o que nos diz dona América, pode-se notar que a matéria-prima arrecadada era uma quantia bastante grande, sendo interessante manterem-se alheios aos riscos ou probabilidades de perigos que o local vivido trazia. Valendo a pena enfrentar todas as problemáticas que a região amazônica traz consigo afinal desde o século XVI a Amazônia sempre foi um ambiente que ofereceu muito risco para as expedições, sempre ofereceu incertezas ao longo das viagens. Em Fordlândia não era diferente, nos primeiros anos “a taxa de mortalidade por malária e febre amarela era alta”, como também vários trabalhadores que morriam com picadas de cobras. (GRANDIN, 2010, p. 24)

Apesar da grande distância de tempo entre o século XVI e o século XX, não restam dúvidas, que há muitas semelhanças entre os primeiros colonizadores e os recentes capitalistas sempre adentrando a Amazônia Brasileira, com os mais variados discursos, adentrando com veemência para um único fim, que é a exploração. Embora o tempo cronológico nos remeta a épocas completamente distintas, com interesses e ideologias diferentes, são completamente capazes de ter os mesmo interesses a partir de visões utilitaristas, que nos caso aqui nos remete à exploração das terras e tudo o que ela puder proporcionar.

HENRY FORD “OPORTUNIZA” NOVAS VIVÊNCIAS E PRÁTICAS AOS TRABALHADORES DA FÁBRICA/NATIVOS

Para começar a pontuar algumas questões a respeito da vida dos trabalhadores na cidade de Fordlândia, é necessário que seja pautado como se deu o início da cidade. Sobretudo com a chegada dos dois navios para a construção do projeto de Henry Ford, a tão sonhada Fordlândia.

Adquirida a terra, o passo seguinte foi construir a cidade que iria dar suporte à *plantation* e que recebeu o nome de Fordlândia, localizada à margem direita do Rio Tapajós, na bacia do Rio Cupari, dentro dos municípios de Aveiro e Itaituba, numa comunidade denominada Boa Vista. Em dezembro de 1928 dois navios, Lake Ormoc e Lake Farge, depositaram em Fordlândia os componentes que estruturariam a nova cidade. (SENA, 2008, p. 93)

⁶ Dona América, moradora de Fordlândia que descreve como era o trabalho da produção da borracha, pontuando acerca do material produzido na Fordlândia, que era enviado para os Estados Unidos.



Figura 1 – Tripulantes do navio Lake Ormoc, primeiro a aportar na comunidade de Boa Vista, em 1928, trazendo equipamentos e operários para construção de Fordlândia (data: 1928).

Imagem 1

Sob a direção do americano Einar Oxholm, operários brasileiros puseram-se imediatamente a trabalhar na construção daquela que iria se transformar em pouco tempo na terceira mais importante cidade da Amazônia, oferecendo aos seus habitantes hospital, escolas, água encanada, moradia, cinema, luz elétrica, porto, oficinas mecânicas, depósitos, restaurante, campo de futebol, igreja, hidrantes nas ruas, emprego. (SENA, 2008, p. 93)

Conforme mostra o autor Sena com relação a construção da cidade, percebe-se que os norte-americanos trouxeram todos os equipamentos necessários para construir a nova cidade. A Fordlândia está chegando e com ela as possíveis “oportunidades”, entre elas a abertura de vagas de emprego formal e esta notícia da chegada da companhia se espalhou, como se dizia antigamente, como rastilho de pólvora⁷. Dona América nos relata: “que os recém chegados passavam por um rigoroso processo de seleção médica e policial, quem conseguia passar pelo exame recebia condições de vida e de trabalho muito diferente das que se conhecia até então.”⁸

Henry Ford tinha mais de sessenta anos quando fundou Fordlândia. Sempre se mostrou um homem generoso com seus funcionários, tentava promover uma vida digna aos seus colaboradores. “O homem que trabalha arduamente, deve ter sua poltrona, um lugar confortável ao lado da lareira, um ambiente agradável” essas são suas palavras. A partir disso se faz necessário detalhar como eram as casas na cidade de Fordlândia. (GRANDIN, 2010, p. 21)

⁷ Rastilho de Pólvora diz-se quando uma notícia, boato, se espalha rapidamente e todos ficam sabendo.

⁸ Dona América moradora de Fordlândia explica como foi o processo de seleção dos trabalhadores para a fábrica, depoimento no documentário Fordlândia (2008).

Ford mandou construir casas com telhados de madeira no estilo de Cape Cod para seus trabalhadores brasileiros e recomendou que eles plantassem jardins de flores e hortas e comessem pão de trigo integral e arroz integral. [...] Ao chegar a Fordlândia, depois de centenas de quilômetros pela selva, o major Lester Baker, adido militar dos EUA no Brasil, chamou o lugar de um oásis, um “sonho” do Meio-Oeste. (GRANDIN, 2009, p. 22)

Segundo a revista *Time* Ford “pretendia aumentar todos os anos suas plantações de seringueira até que toda a selva esteja industrializada”, portanto, Fordlândia era uma cidade localizada em meio a muita mata, porém se achava na cidade “luz elétrica, telefone, máquinas de lavar, vitrolas e refrigeradores elétricos, oferecendo aos seus habitantes um hospital, água encanada, moradia, cinema, escolas, oficinas mecânicas, restaurante (com cardápio americano), campo de futebol, hidrantes nas ruas, e o mais importante que era o emprego. (GRANDIN, 2009, p. 22)

Aos poucos costumes foram sendo impostos por Ford e seu jeito americanizado de ser. Nas creches se dava leite de soja aos bebês, pois Ford não gostava de vacas, situações como essa de impor uma nova forma de alimentação já fazia parte da vida de Henry Ford, era uma forma de introduzir novos alimentos. Por exemplo, podemos lembrar que quando ele produzia soja ele forçava os seus associados a comer biscoitos de soja, servindo inclusive a seus convidados verdadeiros banquetes de soja das mais variadas formas de se comer soja. Portanto, essa forma de apresentação de novos costumes era algo bem comum para Ford, sempre de maneira contundente ainda que não tivesse uma demonstração imediata. No que se refere ao posicionamento de Ford sem dúvida a sua intenção não era por questões propriamente dita de saúde pública ou uma preocupação com aspectos referentes a alimentos impróprios, mas visão do mercado industrial.

Ford forçava seus associados a comer biscoitos de soja, e servia a seus convidados com banquetes de soja, pratos e mais pratos feitos de soja, inclusive purê, biscoitos, croquetes de soja com molho de tomate, feijões de soja verde na manteiga, rodela de abacaxi com queijo de soja, pão de forma com manteiga também de soja, torta de maçã com crosta de soja, café de soja torrada e sorvete de leite de soja. [...] A vaca é a máquina mais rudimentar do mundo. Nossos laboratórios já demonstraram que o leite de vaca pode ser eliminado e a concentração de seus elementos do leite pode ser transformado em alimento científico por máquinas muito mais limpas do que as vacas. (GRANDIN, 2009, p. 71)

⁹ A revista *Time* descreve as intenções de Henry Ford, onde pretendia aumentar suas plantações de seringueira na Amazônia, é uma das mais conhecidas revistas semanais do mundo, publicada nos Estados Unidos da América. Essa informação da revista foi mencionada no livro de GRANDIN (p. 18).

Os trabalhadores em, sua grande maioria, eram nascidos e criados na Amazônia e, portanto não tinham costume com todos esses maquinários trazidos por Ford, muito menos com televisor, telefone, e etc. Tudo era muito novo, afinal foi trazido parte do que acontecia mundo a fora no século XX para a Amazônia. “Os trabalhadores assistiam a documentários sobre expedições à África e à Antártida... Além de curtas-metragens promovendo o turismo¹⁰”, “Ford partilhava com os “nativos¹¹” o que se tinha de novo no século XX, desta forma os trabalhadores da companhia viviam nesse momento uma vida nunca antes vista ou vivida por eles.

É claro que os nativos, termo usado por Ford para se referir aos povos da região, estavam vivendo algo que jamais tiveram a oportunidade de viver antes da chegada da companhia. Essas novas formas de vida, costumes e rotina que estavam sendo apresentadas foram recebidas inicialmente com alegria pelos trabalhadores. Obviamente todas essas regalias propostas pela modernidade e apresentadas pela companhia eram uma novidade interessante. Porém, os moradores da região não estavam acostumados com essa alimentação introduzida em seu cardápio a partir de então. Logo estourariam com bastante força conflitos dentro da fábrica reivindicando melhores alimentos. Afinal, as diferenças culturais entre os americanos e os brasileiros eram visíveis em todos os aspectos da vida cotidiana, a começar pelo vestuário, a alimentação, nas suas crenças e valores, no modo como encaravam o trabalho e o lazer, os conflitos eram questão de tempo.

Ford acreditava que as pessoas tinham que se alimentar por uma dieta única, então estabelecia a mesma dieta da sua fábrica nos Estados Unidos para os trabalhadores da Amazônia, tendo que comer o que era estabelecido pela fábrica. Vejamos o que nos diz sobre isso Dona América: “Muito paraense comendo comida enlatada, comendo coisas que outros comia, o estrangeiro comia né, eles não se deram bem, e aí eles formaram um quebra panela, uma revolta, dentro do restaurante”.¹²

Da mesma forma nos explica dona Olinda: “eu não morava aqui, depois desse quebra panela foi que eu vim, cheguei ainda tava tudo em tristeza, muitas coisas que quebraram o trato, viraram os carro, pintaram”.¹³

¹⁰ Ford trouxe parte da civilização do século XX para a Amazônia, registrou inclusive no jornal de Michigan *Iron Mountain Daily News*, trazendo para os nativos uma prosperidade que nunca haviam experimentado antes. GRANDIN, pág. 22.

¹¹ Forma como Ford se referia aos moradores da região Amazônica, GRANDIN, p. 22

¹² Depoimento de Dona America é moradora de Fordlândia – Documentário Fordlândia (2008)

¹³ Depoimento de Dona Olinda é moradora de Fordlândia – Documentário Fordlândia (2008)

Analisando essas duas falas a respeito da revolta conhecida como quebra panela, é interessante pontuar o total desrespeito com os costumes dos moradores da região que tinham outros hábitos e costumes que não foram levados em consideração quanto ao novo modo estabelecido pela fábrica, segundo o Jornalista Lúcio Flávio: “Ford estabeleceu uma dieta, porém nesta dieta não tinha farinha de mandioca, então ele proibiu a farinha de mandioca, com o melhor dos propósitos, mas violando todos os direitos que a pessoas tem”.¹⁴

Nesses depoimentos fica claro que a revolta permeava os trabalhadores brasileiros que estavam se mostrando insatisfeitos com o regime imposto pelos capatazes americanos. Muitas coisas haviam mudado, entre elas podemos citar a questão da pontualidade tão exigida e demasiadamente cobrada, assim também se fazia presente a alimentação tão diferente da que se tinha costume, a proibição de bebidas alcoólicas na demarcação da empresa, sem contar na forma como eram conduzidos os trabalhos na fábrica, em nada os trabalhadores estavam habituados, tudo isso foi gerando insatisfação e consequentemente os conflitos.

Outro aspecto que entendo como relevante a ser tratado é o exemplo que nos deu o jornalista Lúcio Flávio a respeito da proibição da farinha, um corte profundo demonstrando um autoritarismo ferrenho. Em cada detalhe ficava clara a falta de compreensão dos americanos quanto ao cumprimento das novas regras. Os brasileiros estavam acostumados a pescar, caçar e a plantar, com outro tipo de alimentação, habituados a um ritmo estabelecido pela própria natureza e de modo repentino e inesperado começam a mudar todos os seus costumes. Obviamente e de maneira natural surgiriam às revoltas e problemáticas na região sendo inevitáveis os conflitos.

A ideia de criar uma vila americana na Amazônia brasileira era um projeto atrevido, porém chegar às terras e impor todo um ritmo novo para os moradores, desprezando o que já estava posto como cultura local, demonstrando desrespeito, demonstra arrogância, demonstra superioridade. Afinal, não se pode simplesmente pegar uma cultura, colocar dentro de uma caixa, colocá-la a bordo de um navio e entregá-la no seu destino final, não é possível transferi-la para outro lugar que já tem a sua cultura.

É claro que na memória dos moradores de Fordlândia não se

¹⁴ Depoimento de Lúcio Flávio é um jornalista que fala a respeito da violação dos direitos dos trabalhadores na fábrica – Documentário Fordlândia (2008).

percebe essa idéia negativa apresentada aqui, isso acontece justamente porque essa nova forma americana de conduzir as coisas, faz com que eles acreditem que a vida era melhor durante a presença dos americanos na região, os faz crer que eles eram mais felizes, “ideologia que penetra na subjetividade dos sujeitos, na forma de representação de um ideário hegemônico”¹⁵. Isso foi possível perceber a partir dos olhares tristes ao lembrar como era a Fordlândia, falas detalhadas e muitas vezes com pausas que demonstram um engasgo ao se lembrar da cidade, dando um tom de saudade.

É importante pontuar aqui que ainda que Ford se mostrasse um homem bom com seus funcionários, ao que parece ele era uma incógnita, pois ao mesmo tempo em que dava com uma mão tirava com a outra. Dava um emprego, condições médicas adequadas e bons salários, mas tirava o direito da alimentação ao qual o trabalhador tinha que se adaptar aos novos costumes como também tentava o tempo todo adequar os trabalhadores a uma rotina americanizada, com horários extremamente rígidos, sendo inclusive acordado por um som de uma sirene. Estas imposições eram uma forma de imposição da cultura norte americana, afinal quem estava aqui eram os “nativos” como proferiu Ford. Nesta perspectiva fica fácil entender o porquê sobravam vagas de emprego na fábrica, como está demonstrado na imagem abaixo.

¹⁵ *Documentário Fordlândia: A utopia de recriar a Amazônia, uma América*. Em maio de 2015 a Faculdade do Tapajós iniciou um projeto de pesquisa com alunos do curso de Administração, na comunidade de Fordlândia. A pesquisa na comunidade de Fordlândia nos traz a história de vida de muitos moradores. Essa frase é tirada de uma discussão sobre a subjetividade dos sujeitos da cidade de Fordlândia.

HÁ VAGAS

Produção: Juliana Geller

Um dos maiores problemas enfrentados pela Companhia Ford Industrial do Brasil nos seringais na Amazônia foi a falta de mão de obra. Apesar dos bons salários e dos benefícios que oferecia, o regulamento rígido e o modo de trabalho da empresa afastavam os funcionários, homens habituados a trabalhar de acordo com as próprias regras.

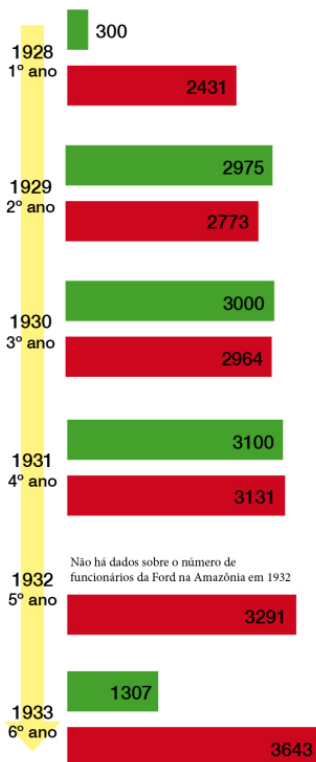
Em alguns períodos, nos primeiros anos, foi alcançado o número de funcionários suficiente para a implantação de 1000 hectares de seringais por ano, porém, o objetivo era chegar a 7200 hectares ao ano.

Para atingir esta meta seriam necessários, no oitavo ano, cerca de 31.197 trabalhadores, número dez vezes maior que o máximo obtido pela companhia, 3.100 trabalhadores, em 1931, o quarto ano do projeto.

LEGENDAS:

■ Número de funcionários

■ Trabalhadores necessários para a implantação de 1000 ha/ano



Fonte: Capital Estrangeiro e Agricultura na Amazônia - A experiência da Ford Motor Company

Imagem 2

Neste quadro acima está a variação no número de trabalhadores obtidos pela Companhia Ford Industrial do Brasil durante os seis primeiros anos do projeto de construção da cidade Fordlândia. Onde apenas no segundo e terceiro ano que foram supridos com o número necessário de trabalhadores para a implantação de 1000ha por ano. Não se pode direcionar precisamente que este número de funcionários quase sempre abaixo do necessário, apenas eram reflexos das regras estabelecidas pela fábrica, sem dúvida podem ter existido outros fatores, mas que estas regras e diretrizes demasiadas refletiram diretamente nestes resultados.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Penso que a Amazônia sempre foi alvo de especulações estrangeiras, a começar pela chegada dos europeus nas primeiras expedições que

peregrinaram as terras com o discurso do paraíso terrestre, à procura do Eldorado. Segundo Esteves, “a primeira expedição conhecida que navegou o Amazonas, dos Andes à sua foz, foi a de Francisco Orellana, realizada em 1541 até 1542, que foi narrada pelo Frei Gaspar de Carvajal, essa expedição percorria em busca do país da canela e das sete cidades de Ouro”. (ESTEVEVES, 1993, p. 14)

Mas a conquista dos novos territórios chamou a atenção não somente dos espanhóis e portugueses, que tinham uma briga ferrenha pela posse da terra, reitero, as terras que hoje conhecemos por Amazônia sempre foram muito disputadas, foram também “visitadas pelos irlandeses, ingleses, franceses e holandeses no fim do século XVI”. (ESTEVEVES, 1993, p. 23)

A presença dos europeus sempre trouxe consigo muitos problemas para a região. Com a presença dos portugueses, por exemplo, houve entre muitos conflitos alguns com maior proporção tipo os massacres contra indígenas e o genocídio indígena dos Tupinambás que se erradicaram, do Maranhão até ao Pará, em 1619¹⁶.

As questões negativas contra os povos indígenas aqui levantadas foram provocadas pelos conquistadores no processo de ocupação, deixando marcas nos diversos povos e etnias indígenas que habitavam nas terras, lembranças como Ajuricaba que até os dias atuais é um símbolo da resistência indígena, que se jogou no rio Negro morrendo afogado, isso após ser preso numa batalha, portanto mostrou-se resistente e preferindo inclusive a morte a ter que se manter aprisionado, (prisão em todos os sentidos da palavra) pelos portugueses.

Mas batalhas ocorridas no período da ocupação não se davam somente com os povos indígenas. Em 1612 a França Equinocial¹⁷ foi fundada causando temor nas colônias portuguesas, mas os três anos depois “os franceses foram expulsos e Francisco Caldeira de Castelo Branco foi incumbido pelos portugueses de ocupar a costa ao norte, expulsando os estrangeiros fixados na região do Amazonas. Em 1616, ele fundou Belém. Contudo, fica claro o demasiado interesse nas riquezas naturais da Amazônia, sobretudo na sua ocupação da terra. (ESTEVEVES, 1993, p. 26)

Não obstante, diante de tudo o que foi mencionado, ainda

¹⁶ Esses massacres dos povos indígenas acabaram com todos os Tupinambás, e destruíram os aldeamentos dos Cumã, Tapuitapera, Caeté e meio milhão de Aborígenes, é importante salientar que os Tupinambás do litoral do Pará inicialmente ajudaram os colonizadores a construir Belém, mas se opuseram à escravidão. A ocupação da Amazônia, p. 32 de Antônio Esteves.

¹⁷ Denomina-se França Equinocial aos esforços franceses de colonização da América do Sul, em torno da linha do Equador, no século XVII. (MEIRELES, 1982).

está longe de acabarem os estragos que ocorreram na Amazônia, antes parece que as mazelas estão apenas começando. A Fordlândia é um exemplo assim, a questão é que a Amazônia sempre foi usurpada, sempre foi sugada, sempre foi usada, e a impressão que se tem é que se qualquer estrangeiro chega e se apossa das terras por valor irrisório e quando não é mais possível ou viável manter-se nela explorando vai embora e deixa tudo e todos nas piores condições, sem demonstrar nenhum tipo de preocupação com os estragos causados.

Reitero que a cidade de Fordlândia foi o que podemos chamar um tiro no pé de Ford, jamais foi cogitado por ele que essa cidade projetada nos moldes americanos dentro da região Amazônica na cidade do Pará, tivesse a possibilidade de não dar certo. Parece-me que aquele ditado antigo usado pelos meus pais, “feriu com ferro, com ferro será ferido” ocorreu com Henry Ford. Parece até cômico, mas a Fordlândia tinha tudo para ser um projeto acertado, uma condição favorável de plantar e colher, projeto para se ganhar muito dinheiro, no entanto a natureza respondeu e o projeto deu errado.

É importante lembrar que antes de haver as pragas nas seringueiras que impediram a permanência da fábrica da Fordlândia, tínhamos também neste mesmo espaço cidadãos americanos que agiam como pragas ao chegarem às terras brasileiras, no interior da Amazônia às margens do Rio Tapajós, começaram uma grande destruição, a começar pela própria terra, derubando, queimando, destruindo para “construir” e trazer o “moderno”. Mas construir o quê? E pra quem? Moderno pra que? E para quem?

São perguntas como essas que devem permear os nossos pensamentos, ao identificar essa interferência estrangeira nas terras brasileiras, se for proposto uma análise mais pontual e analítica, ou nem mesmo tão específico assim. Somente se observarmos com um olhar mais analítico se poderá perceber então aí um papel central do colonizador aniquilando o colonizado, não considerando apenas destruição de morte, mas de valores, de respeito ao ser humano. Vejamos os que nos diz Fanon sobre isso:

[...] que o mundo colonial é um mundo maniqueísta. [...] o colono faz do colonizado uma espécie de quintessência do mal. A sociedade colonizada não é apenas descrita como uma sociedade sem valores. Não basta ao colono afirmar que os valores desertaram, ou melhor, nunca habitaram, o mundo colonizado. O indígena é declarado impermeável à ética. Ausência de valores, e também negação dos valores. Ele é, ou semos dizer, o inimigo dos valores. Nesse sentido, ele é o mal absoluto. Elemento corrosivo, destruindo tudo de que se aproxima, elemento

deformante, desfigurando tudo o que se refere à estética ou à moral, depositário de forças maléficas, instrumento inconsistente e irrecuperável de forças cegas. (FANON, 2001, pág. 57/58)

A Amazônia será sempre um lugar que vai chamar a atenção dos estrangeiros, com o olhar fixo no lucro, colocando as terras amazônicas como uma propriedade e tão somente isso. Não é de hoje que isso acontece e muito provavelmente não acabará aqui. Os olhos do mundo estão voltados para a Amazônia, ela atrai a atenção do mundo inteiro, mas nem sempre se leva em consideração o que os moradores dessa região pensam sobre ela, se levarmos em consideração o que Fanon nos alerta a respeito da sociedade colonizada, obviamente a Amazônia está fadada ao fracasso.

REFERENCIAS:

- ALBUQUERQUE, Gerson Rodrigues. **Trabalhadores do Muru, o rio das cigarras**. Rio Branco, EDUFAC. 2005.
- CUNHA, Euclides da. *À margem da história*. Editora Martin Claret. São Paulo. 1999.
- DIACON, Todd A. **Rondon: o marechal da floresta**. Tradução Laura Teixeira Mota. São Paulo, companhia das letras, 2006.
- ESTEVES, Antonio R. **A ocupação da Amazônia**. Editora Brasiliense. São Paulo. 1993.
- FANON, Frantz. **Os condenados da terra**. Trad. Enilce Rocha e Lucy Magalhães, Juiz de Fora: UFJF 2005
- GRANDIN, Greg. **Fordlândia: Ascensão e queda da cidade esquecida de Henry Ford na selva**. Rio de Janeiro. Rocco: 2010.
- MEIRELES, Mário Martins. **França equinocial**. Secretaria de Cultura do Maranhão, 1982.
- RAZENTE, Nestor. **Artigo: Arquitetura utopista na floresta Amazônica**. XIV ENTAC - Encontro Nacional de Tecnologia do Ambiente Construído - 29 a 31 Outubro 2012 - Juiz de Fora. Disponível em: <http://www.infohab.org.br/entac2014/2012/docs/0972.pdf> Acesso em: 15 de janeiro de 2017
- SENA, Cristovam. **Fordlândia: breve relato da presença americana na Amazônia**. Cadernos de História da ciência, versão impressa ISSN 1809-7634. Cad. hist. Ciênc. v.4 n.2 São Paulo jun. 2008 Disponível em: http://periodicos.ses.sp.bvs.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1809-76342008000200005&lng=pt&nrm=iso Acesso em: 07 ago. 2017
- UGARTE, Auxiliomar Silva. **Sertões de bárbaros**. Manaus – AM. Editora Valer. 2009.

DOCUMENTÁRIOS E ENTREVISTAS

Documentário - **A utopia de recriar a Amazônia, uma América**, publicado em 28 de setembro de 2015, disponível em: <http://www.faculadadedotapajos.edu.br/fat-realiza-documentario-sobre-fordlandia/> Disponível em: 15 de janeiro de 2017

Documentário – **Fordlândia (2008)**, publicado em 02 de março de 2013, disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=x2SpGRuwqA4> Acesso em: 15 de janeiro de 2017.

Dicionário de expressão: disponível em: <http://www.dicionariodeexpressoes.com.br/busca.do?expressao=Espalhar-se%20como%20rastilho%20de%20p%F3lvora>

Programa de TV – Sangue, suor e seringa. Entrevista com o autor do livro Fordlândia Greg Grandin. Disponível em: <https://sanguesuoreseringais.wordpress.com/tag/fordlandia/> Acesso em: 07 de agosto de 2017.